

ALGUNS ASPECTOS SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA EJA: CULTURA LOCAL, ECOLOGISMOS E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

SOME ASPECTS ABOUT ENVIRONMENTAL PERCEPTION IN EJA: LOCAL CULTURE, ECOLOGISM AND THEIRS INFLUENCES IN SCIENCE EDUCATION

Ana Paula Zandonai Kutter¹
Marcelo Leandro Eichler²

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Programa de Pós Graduação Educação em Ciências –
Química da Vida e Saúde/e-mail: apkutter@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Departamento Educação Química e Programa de Pós
Graduação Educação em Ciências – Química da Vida e Saúde/ e-mail: exlerbr@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo é parte integrante de um estudo de caso etnográfico que tem como objetivo descrever aspectos culturais de uma instituição de ensino, como fatores intervenientes nos processos de educação em ciências na modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), na disciplina de Biologia. O artigo descreve alguns aspectos sócio-ambientais da cidade onde está situado o campo de pesquisa, tendo em vista a cultura local (do município) que constitui o plano de fundo para a descrição da cultura da escola que é o objeto desta investigação. O artigo traz algumas discussões - entremeada às descrições e análises - sobre a perspectiva teórico-metodológica etnográfica e sua utilização nessa pesquisa educacional.

Palavras chave: Educação em ciências, Educação de Jovens e Adultos, Ensino de Biologia, Etnografia.

Abstract

This paper is integrant part of a study of ethnografic case that has as objective to describe cultural aspects of an education institution, as intervening factors in science education in the modality of youth and adult education (EJA), in discipline of Biology. The article describes some ambient social aspects of the city where the research field is situated, because the local culture (of the city) influences the culture of the school - the object of this research. This article brings some discussions, descriptions and analyses about ethnografic perspective theoretician and methodology and its use in this educational research.

Key-words: Science Education, Youth and Adult Education, Biological Education, Ethnography.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem um caráter político de inclusão, por atender a uma clientela de alunos que foram privados da escolarização regular. No mais das vezes, o que traz essa parcela de alunos de volta à escola, após tempos de afastamento desse ambiente, é a inserção, ou uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Conforme André (1995), a escola é “*terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes*”. Em se tratando da modalidade EJA esses graus de acomodação, essa pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes, a que a autora se refere são ainda mais marcantes. Essa modalidade é caracterizada pelo sem número de

heterogeneidades, seja na faixa etária dos estudantes, nas perspectivas que eles têm sobre o curso, nas capacidades e dificuldades de aprendizagem, entre outros.

Meu interesse em pesquisar esse grupo vem de minhas próprias experiências enquanto professora de Biologia nessa modalidade, em outro município. No decorrer de seis anos lecionando na EJA aprendi, dentre outras coisas, que, a consideração e a valorização de aspectos culturais e étnicos desse grupo social são procedimentos básicos para que se cumpram com os objetivos preconizados pelas diretrizes da modalidade. Daí, o aguçar de minha curiosidade etnológica acerca deste público. O objetivo deste artigo é descrever aspectos culturais de um grupo social (alunos de EJA e sua professora) em seu ambiente escolar, mais precisamente nas aulas de Biologia, com o intuito de evidenciar a repercussão desses aspectos na Educação em Ciências nesse contexto.

O MUNICÍPIO DE TORRES – RS – ALGUNS ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E AMBIENTAIS

Por se tratar de um estudo de caso etnográfico considero pertinente descrever de modo sucinto, mas elucidativo, algumas características sócio-culturais e ambientais da cidade, assim como personagens, que compõem o plano de fundo deste relato experienciado em uma escola nessa localidade.

Torres é uma cidade situada no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, tendo uma forte expressão no setor comercial da construção civil, da exportação moveleira e do turismo – neste último por se destacar das demais praias e balneários da região, com suas singulares formações geológicas de falésias e morros próximos à orla marítima um conjunto paisagístico muito atrativo. Na época de veraneio, há um crescimento populacional grande, e conseqüentemente um aumento de vagas de trabalhos temporários – o que é corriqueiro em cidades turísticas. Durante o restante do ano (baixa temporada), a cidade sedia alguns eventos que trazem visitantes e impulsionam o comércio local - sendo o mais representativo o Festival Internacional de Balonismo de Torres. Outro evento, que ocorre rigorosamente no inverno, é a migração das Baleias Franca, que atraem turistas e pesquisadores, nos meses mais frios do ano.

A Ilha dos Lobos, distante a dois quilômetros da costa, é a menor reserva ecológica do mundo, sendo protegida pelo IBAMA é um ponto de parada para apreciação de lobos marinhos e elefantes marinhos, durante os passeios de barco que tem como ponto de partida o Rio Mampituba. Os passeios são feitos em um catamarã, fretado por uma empresa de turismo.

Outro símbolo da cidade que nos remete à reflexão sobre questões ambientais é o Parque da Itapeva, que no ano de 2002, passou a ser considerado como área de proteção permanente o que era uma antiga reivindicação de pesquisadores e de ambientalistas. A região passou a ser considerada como área importante de preservação permanente de matas de restinga - o último remanescente de Mata Atlântica costeira no estado, sendo vetada a exploração comercial turística no local, como antes ocorria.

Uma personalidade ícone da cidade é o ambientalista José Lutzemberger, que mantinha uma residência próxima à praia da Guarita. Engenheiro agrônomo de formação e criador da Fundação Gaia (em 1987) Lutzemberger foi um ativista e crítico ferrenho da modernização de atividades agropecuárias. Por seu reconhecido empenho em lutar pelas causas relacionadas às questões ambientais foi Secretário Especial do Meio Ambiente – cargo que ocupou por pouco tempo, de 1990 até 1992. Ele foi

responsável pelo projeto de revitalização e gestão ambiental do Parque estadual da Guarita – um dos cartões postais de Torres. Alvo de muitas críticas, por sua postura conservacionista, foi um dos ambientalistas de maior expressão no país, sendo reconhecido, também no exterior. Faleceu no ano de 2002.

Nesse local, atualmente, há um projeto que está em fase de licitação, para construção de um teleférico - justificado pelo potencial paisagístico do parque. O projeto tem sido comemorado e esperado por alguns comerciantes locais.

Em meio a esse cenário marcado por tantos signos que nos remetem à questão ambiental, localiza-se o campo de pesquisa onde ocorre o estudo de caso etnográfico que dá origem a este artigo.

A ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA

A Escola onde realizo minha pesquisa é uma instituição estadual que funciona desde 1960, no bairro Centro, construída em frente à Praça da Igreja Matriz, ocupando a totalidade de uma quadra. A escola funciona em três turnos e oferta a modalidade EJA de ensino médio à noite.

Entrando pelo portão de acesso principal, há árvores por todos os cantos do pátio. Os três canteiros centrais, de um metro quadrado cada um, protegem árvores juvenis. Nos cantos, em proximidade com os muros, está a vegetação mais robusta. Uma árvore frondosa que está ali desde a reforma predial, está cercada de bancos de cimento, lembrando uma praça. O espaço é apreciado como um local de descanso pelos alunos tanto do diurno quanto do noturno. Entrando pelo corredor chamou-me a atenção, um conjunto de cestas coloridas para coleta seletiva de lixo – resultado de um projeto de educação ambiental desenvolvido pela escola com as turmas de ensino regular, no turno diurno. Desde 2007 a escola faz a seleção dos resíduos, embora a prefeitura não tenha coleta seletiva implantada no município.

No saguão de entrada da escola, no mural principal estão evidenciados, em dois cartazes a filosofia e os objetivos da instituição:

“A filosofia da escola busca uma educação libertadora que gere um compromisso com a transformação de uma sociedade individualista, por uma sociedade participativa, tendo como ponto de referência dar oportunidades ao educando, de se auto-afirmar como ser humano criativo, crítico e independente. O objetivo da escola é promover a educação com competência profissional, norteada por uma metodologia progressista, consolidando os princípios da solidariedade, cidadania e educação ambiental.”

No pavilhão dos fundos não há muita vegetação. Um discreto gramado rente aos muros se mistura com uma superfície de cimento e uma cobertura de pedras de brita. Nesta parte se localiza a biblioteca, uma quadra de cimento poliesportiva e mais blocos de salas de aula. No entorno da escola, altos edifícios compõem essa face urbana da cidade – que também é constituída de bairros periféricos, considerados rurais.

A INSERÇÃO NO CAMPO

A pesquisa antropológica no campo educacional requer alguns cuidados metodológicos para que não se incorra em distanciamento entre os pressupostos teóricos

etnográficos e a pesquisa de campo em si. A pesquisa participante é uma das recomendações metodológicas que caracterizam o estudo etnográfico. Segundo André (1995) a observação participante envolve observação, anotações de campo, entrevistas, análises de documentos, registros fotográficos, gravações. Muitas são as contribuições que esta forma de abordagem propicia: tornar-se um participante do grupo estudado, após a aceitação das pessoas que o compõem é presenciar e compartilhar das vivências, do cotidiano, das rotinas, é estar ocupando, de fato, um lugar dentro dessa rede de interações sociais e apreendendo informações que não seriam identificadas por um pesquisador que não estivesse nessa condição de participante. Os relatos apresentados neste artigo são resultado da análise do caderno de campo e interpretações feitas acerca dos aspectos culturais que se apresentaram durante minha participação junto ao grupo. Importante realçar, que nossa intenção ao problematizar o campo é evidenciar, de que forma esses aspectos culturais, do grupo social em questão, repercutem na Educação em Ciências, na disciplina de Biologia.

Ao que nos parece, é pertinente mencionar neste ponto do relato, algumas precauções que tomei antes da entrada no campo, quanto à minha postura em relação ao grupo: Tentei transmitir uma imagem despretensiosa, agindo com modéstia em minhas intervenções e abordagens, a fim de ruir possíveis barreiras entre o grupo e a figura forasteira que representava. Segundo Erickson (1989), no distanciamento entre pesquisador-grupo pesquisado, estão implícitas relações de poder, que a perspectiva etnográfica tende a romper. Já no primeiro contato, expus os motivos, os objetivos pelos quais estava ali presente, explicando que eu não era nem uma professora auxiliar, nem uma colega de aula: era apenas uma estudante da faculdade que assim como eles, tinha trabalhos para realizar e que a disciplina de Biologia na EJA era o tema central da minha investigação. Por isso precisava conviver por uns tempos com as turmas durante as aulas de Biologia.

A APROXIMAÇÃO

Percebi, nos primeiros encontros, que de fato se tratava de um grupo muito heterogêneo quanto à faixa etária: de um modo geral as turmas eram compostas em maioria por alunos com faixa etária entre 18 e 35 anos. Alunos, acima de 35 anos, eram minoria. Mais de dez alunos em cada turma (compostas em média por vinte estudantes) são naturais do município de Torres. Conforme fui conhecendo o grupo, notei que as perspectivas em relação ao curso, também representavam aspecto de heterogeneidade:

“Eu estou estudando na EJA, pois parei com os estudos pra mais de 20 anos. Os filhos casaram, fiquei sozinha. Venho porque me faz bem. Posso até tentar uma profissão. Só meu marido trabalha fora né.”

(Lurdes, 56 anos)

“Quero fazer vestibular pra Direito. Aí tenho que me formar mais rápido. Perdi muito tempo parado. To correndo atrás do prejuízo.”

(Luis, 32 anos)

Progressivamente, minha presença, a princípio intrusa, começa a se tornar corriqueira ao ponto de eu ser consultada durante as aulas, como se fosse uma professora auxiliar. Ao identificar certo avanço nessa familiaridade com os alunos,

convidei uma turma da totalidade¹ oito composta de 43 alunos a participarem de uma entrevista individual (questionário por escrito) com o prévio consentimento de Eni - a professora, aplicando no mês de junho de 2007 - próximo as férias de inverno. Uma questão extraída desse questionário me chamou atenção pelo resultado. Furneci a esses estudantes uma lista com diversos assuntos possíveis de serem trabalhados pela disciplina de Biologia e pedi que apontassem os que eram de seu interesse. O resultado está representado no gráfico abaixo:

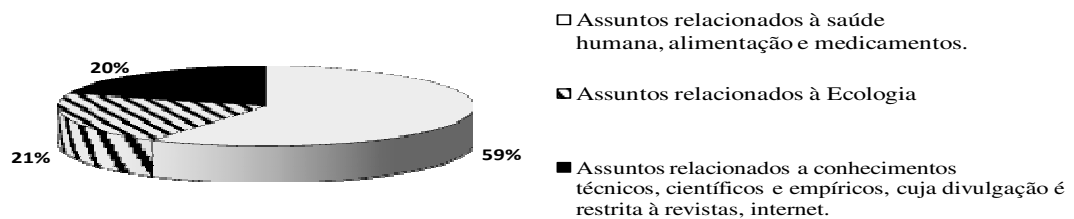


Gráfico 1. Interesses dos estudantes apontados pelo questionário

Os assuntos foram divididos em três categorias, conforme mostrados na legenda do gráfico acima. Inclínada a ponderar sobre algumas explicações para o fato de que aqueles estudantes não tinham tanto interesse pelos assuntos relativos à Ecologia considerei inicialmente uma questão a ser solucionada, pensando até em discutir os resultados com a professora Eni, para agir a respeito numa etapa posterior.

Em virtude da leitura e do desenvolvimento teórico, o exercício dos pressupostos teóricos etnográficos como o do estranhamento² foram se sobressaindo às minhas interpretações pessoais que nesse caso foram dispensadas. Olhando para esse resultado sem o hábito da correção típico do meu ofício, voltei-me a problematizar o campo. A intenção não era a de encontrar os fatores causais, mas sim, de caracterizar e descrever a cultura da escola e sua repercussão na Educação em Ciências nas aulas de Biologia. Focando neste objetivo, reservamos por um tempo, os resultados obtidos no questionário. Pensando na triangulação³ busquei diversificar a forma de coleta de informações: além de manter o diário de campo, realizei palestras em que eu interagía com os ouvintes, ‘bate-papos’ informais, depoimentos em vídeo e fotografias. Apresentamos a seguir três episódios - recortes do caderno de campo - que evidenciam aspectos sobre a percepção desses estudantes acerca de temáticas trabalhadas em Biologia. A discussão e análise das narrativas serão apresentadas na última parte do artigo.

EPISÓDIO I - JORNADA TEMÁTICA DE BIOLOGIA

O mês é julho do ano de 2008. As férias estão se aproximando e a escola está em ritmo de encerramento do semestre letivo. A professora Eni organizou uma jornada temática que realiza todos os anos, desta vez chamada *Caminhos para uma vida saudável* que ocorreu nos turnos da tarde e da noite abordando temas diversos através de

¹ Totalidades 7, 8 e 9: equivalem, respectivamente, a 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Regular.

² Esforço sistemático de análise de uma situação familiar como se fosse estranha (ANDRÉ, 1995)

³ Utilização de uma variedade de fontes de dados: observações, entrevistas, depoimentos escritos e orais, documentos, e outros. (ANDRÉ, 1995)

oficinas e palestras realizadas por convidados, entre os quais eu estava incluída. Apresentei a oficina para todos os alunos da EJA, cerca de 120 divididos em duas turmas. O tema escolhido para minha apresentação foi *plantas medicinais: identificação, usos e preparos*. Foi-me concedida uma hora e meia, para apresentação teórica e prática, e disponibilizados o laboratório de ciências, um projetor, para a parte teórica e um bico de gás para o preparo de fitoterápicos e fitocosméticos, na parte prática da oficina. O local transformou-se em um auditório, que se tornou pequeno, em vista do público ouvinte. Ao entrarem no laboratório, ouvi alguns comentários acerca da oficina que eles haviam assistido anteriormente, que abordava o assunto *fungos*, conforme as falas das alunas: “*Ai, credo! Tomara que essa não fale de doenças!*”, “*Acho que aqui vão mostrar esse chá aí, oh!*”.

A interação dos estudantes foi bastante freqüente, o que para mim foi muito proveitoso no sentido de identificar em seus discursos, traços sobre a forma como eles percebem o assunto. Os seus questionamentos eram, principalmente, sobre os benefícios das plantas para o corpo e o preparo das mesmas. Verifiquei que eles anotavam com freqüência – sempre após um questionamento dos colegas. Uma preocupação na elaboração da oficina foi de apresentar uma abordagem do tema que abrangesse não só os benefícios das plantas medicinais ao homem, mas também aspectos ecológicos, morfológicos (sobre classificação das espécies) e aspectos históricos do seu uso terapêutico. Selecionei, para a apresentação teórica, imagens que tivessem apelo visual (que fossem coloridas e atrativas, que instigassem comentários ou perguntas). Apesar desse esforço, de todos os questionamentos feitos ao longo da apresentação, observei que apenas um aluno fez uma pergunta referente à ecologia das plantas e outro sobre morfologia. As demais questões levantadas por eles foram majoritariamente sobre os benefícios das ervas para saúde.

EPISÓDIO II - A AUDIÊNCIA PÚBLICA E O PROJETO “DUBAI”

Fim do mês de abril de 2009. Em audiência pública em Porto Alegre, discute-se uma questão bastante controversa: No ano de 2008 um ousado projeto para a foz do Rio Mampituba provocou polêmica entre os moradores considerados nativos da região. A suntuosidade da obra instigou a imprensa local a publicar vinhetas como essa: *Sonho de ser Dubai*⁴.

O projeto prevê a construção de uma plataforma, com museu cultural/ambiental, uma marina internacional, base para a Capitania dos Portos, heliporto, atracadouro para a escala de cruzeiros marítimos, modificação e fixação correta da barra do Rio Mampituba, (visto que há encalhe na saída dos barcos quando a maré está baixa), arquibancada permanente para acompanhar a prática e competições de surf, estruturas submersas para aumento da ondulação marítima, plataformas de pesca, mirante panorâmico, arena de esqui aquático para espetáculos ao ar livre e a ampliação e qualificação da Praia dos Molhes - enfim, um plano extremamente arrojado para o local.

Justamente neste período, decidi abordar o tema com os estudantes, convidando-os a participarem voluntariamente de uma apresentação em vídeo sobre o assunto. Separei os interessados (27 alunos) da totalidade sete – equivalente ao 1º ano do Ensino Médio Regular - em grupos pequenos de cinco pessoas, para que eu pudesse conversar com mais informalidade com eles e ao mesmo tempo ter a chance de fazer anotações no diário de campo, como transcrições de falas. A fim de colher mais informações pedi que

⁴ Reportagem no Jornal Zero Hora de 14 de fevereiro de 2008.

responderem por escrito, anonimamente, a duas perguntas para as quais apresento o resultado das respostas abaixo:

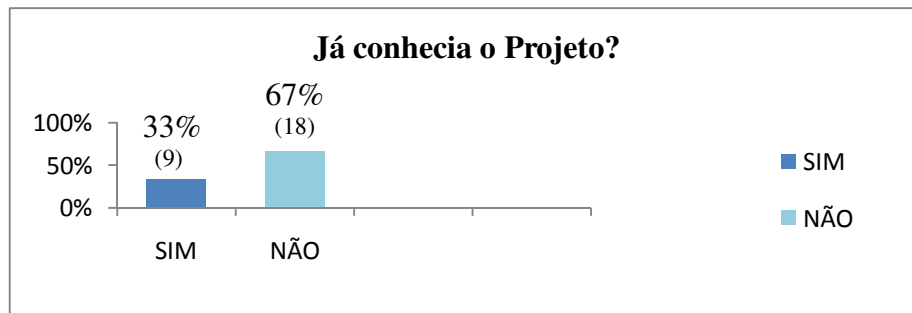


Gráfico 2 – Conhecimento dos alunos da totalidade sete – acerca do Projeto

A segunda questão era sobre a posição deles, no caso hipotético de serem convidados a votarem CONTRA ou À FAVOR da implantação e realização do Projeto *Dubai* em Torres. Solicitei que justificassem seu voto:

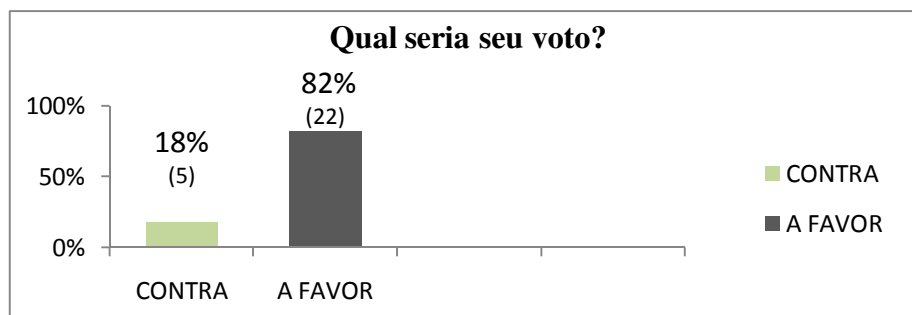


Gráfico 3 – Opinião dos alunos da totalidade sete – acerca do Projeto

As respostas dos votantes favoráveis ao projeto foram unânimes em justificar que o empreendimento trará melhorias para o comércio local que no inverno é afetado pelo baixo fluxo de turistas:

“A favor, pois trará mais vida e turismo para Torres, assim trará mais trabalho para a população.” Vanessa, 23 anos

“A favor. É uma maneira de Torres ser conhecida não só pelos morros, mas sim pelos investimentos milionários.” Rodrigo, 18 anos

“A favor, pois gosto do progresso.” César, 38 anos

A percepção de que o Projeto pode ter efeitos ambientais negativos e ou imprevisíveis, foi mencionado por apenas uma aluna de um total de vinte e sete entrevistados:

“Seria mais contra, pelo fato do meio ambiente. Acho que iria mexer muito com o mar. Seria talvez até perigoso a repercussão do meio ambiente.”

Cláudia, 25 anos

EPISÓDIO III - AULA DE ECOLOGIA

Estamos no início do semestre letivo. É uma noite de outono do mês de abril de 2009. A semana é de preparativos para uma feira multidisciplinar. Chego à sala um pouco atrasada. A turma já está organizada em um grande círculo e eu me acomodo nele. Assuntos distintos estão sendo trabalhados: *Fontes de energia limpa* e *Agenda 21*. Isso foi o que consegui captar durante as conversas e questionamentos dos alunos, ora direcionadas à professora Eni, ora direcionados aos colegas. Um aluno se dirigiu até mim pedindo que eu orientasse seu grupo, pois deviam escrever sobre José Lutzenberger – personagem que eles escolheram como tema para a feira. Enquanto auxiliava-os fui registrando algumas anotações no caderno de campo, dentre as quais uma em particular me chamou à atenção: Júlio, corretor de imóveis, morador natural de Torres, um rapaz bastante falante, fez a seguinte declaração em momento informal:

“Antes eu era meio contra ele (Lutzenberger). Sabe por quê? As idéias dele prejudicaram meu trabalho. Eu vendi um terreno do lado do Parque da Guarita. Um milhão. O cliente queria construir um prédio de vinte e cinco andares e não deixaram, por causa do plano do parque, pois iria fazer sombra para as plantas e os bichos que tem ali e iria prejudicar. Ele foi liberado para construir um de dez andares agora. Hoje eu vejo que as idéias dele (Lutzenberger) estavam certas, pois se a gente não cuidar daquele lugar, nossa praia aqui não vai mais ter atrativos! Eles procuram essa praia porque ela tem tudo isso que a gente vê e que as outras não têm!”

Júlio, 18 anos.

Em uma primeira análise, a interpretação que fiz dos recortes do diário de campo foi, naturalmente, centrada na cultura em que meus valores foram constituídos. Os três episódios narrados trazem evidências de que o interesse dos alunos está voltado a temas que abordam os assuntos *corpo* e *saúde* em detrimento a assuntos relacionados à *ecologia*. No episódio I, o relato aponta um expressivo interesse dos estudantes pelas *formas alternativas para tratar a saúde do corpo com ervas*; no episódio II aponta uma aceitação quase unânime por parte do grupo em relação ao *Projeto Dubai* que prevê o aquecimento da economia local. No episódio III identifico na fala do estudante de dezoito anos sua busca por sucesso financeiro: O aluno reconhece em seu discurso a importância das *idéias do Lutzenberger*, mas mostrando que sua preocupação com a preservação do parque não representa uma concepção preservacionista de fato, mas sim uma perspectiva mercadológica. Em outras palavras, se o parque for conservado, ele vai ganhar mais dinheiro. No entanto, é possível adensar essas reflexões, ao analisar os dados empíricos exercitando o estranhamento. Conforme André (1995)

o grupo social deve ser estudado a partir de seus próprios pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do "outro", o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de pensar e entender o mundo. (ANDRÉ, 1995, p. 45).

DISCUSSÕES ACERCA DOS EPISÓDIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ECOLOGISMOS

A proposta deste artigo, além de evidenciar e descrever traços da cultura da escola dessa localidade é, justamente, trazer questionamentos sobre a tessitura da cultura da escola e seus reflexos na Educação em Ciências, em especial na disciplina de Biologia. Conforme Forquin (1993) “*a escola é também um ‘mundo social’, que tem suas características de vida própria, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão*”. Neste trecho o autor define o termo *cultura da escola*. É interessante ressaltar que esta cultura não é imposta aos alunos pela instituição, mas essa é constituída de costumes, hábitos e valores, arraigados aos próprios alunos e professores, que são os atores sociais desse grupo.

O discurso preservacionista está presente na escola. Está no pôster do mural da entrada, está nas lixeiras coloridas que mesmo tendo função ‘simbólica’ continuam sendo usadas. Está no discurso da professora de Biologia – Eni, assim como no plantio de árvores feito pelos alunos após a reforma predial.

Os comentários transcritos apresentados nos episódios foram analisados levando-se em consideração a interpretação do próprio locutor. Fonseca (1999) ressalta que não há discursos falsos ou verdadeiros, corretos ou errados. Há apenas a representação oral ou escrita sobre uma dimensão de uma realidade multifacetada. A nossa intenção neste artigo, ao analisarmos um discurso é interpretar essa representação através da lente que o próprio sujeito enxerga, pois segundo Fonseca (1999) o mesmo material empírico, pode inspirar leituras opostas, dependendo da lente que se usa para analisar os dados. Tendo em vista tais pressupostos teóricos, ao me ater a relativização⁵ eu pude interpretar, por exemplo, o discurso de Júlio, dentro de sua cultura, dentro de seu grupo social. Percebi sua convicção de que estava demonstrando o quanto é *ecologicamente correto* para mim, seus colegas e sua professora. O modo de se expressar, o tom de voz, o gestual, comunicava a certeza sobre seu posicionamento *correto* em relação a minha opinião (já que sou professora de Biologia) e dos demais ouvintes. Os alunos que participaram da palestra sobre plantas medicinais, e ou que votaram a favor do *Projeto Dubai*, são alunos que voltaram a estudar por conta da busca de melhores condições de emprego. São os mesmos que querem disputar uma vaga no mercado de trabalho, ou aperfeiçoar-se para conquistar novos postos.

Conforme Geraldo (1995) certas formas de comportamento são traços culturais do culto ao trabalho. Somente o que é produzido através dele tende a ser valorizado. Em se tratando do público da EJA, o trabalho tem significações ainda mais fortes: representa não só sua condição de sustento, mas culturalmente um valor que o constitui enquanto cidadão, algo que o dignifica e dá a ele identidade em seu grupo social. Nessas condições a valorização do ambiente passa a ser secundária. A importância do corpo, da boa saúde, é primazia, pois este é o seu instrumento de trabalho, um bem inestimável. A percepção acerca do ambiente é transpassada pela ótica antropocêntrica. O que ocorre é

⁵ Relativização - Pressuposto teórico da Antropologia Social que se contrapõe ao etnocentrismo. Atitude do pesquisador (etnógrafo) que o possibilita ver ‘o outro’ e sua cultura sem fazer interpretações marcadas de preconceitos etnocêntricos. “Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.” (ROCHA, 1999)

uma utilização do discurso ambientalista, quando necessário, como um rótulo, mas sem aceitação do sistema de valores de que ele faz parte.

Tendo em vista a cultura da cidade como plano de fundo desta experiência etnográfica escolar é importante trazermos para essa discussão alguns aspectos sobre alguns dos sistemas de valores dessa localidade. Há que se salientar sobre o município de Torres que além do zoneamento oficial – Torres urbana e Torres rural – há um “zoneamento” que vem sendo produzido culturalmente de anos pra cá. Algo que retrata bem isso é a divisão das *praias dos ricos e praias dos pobres*. A praia da Guarita, nos anos 70, freqüentada pelos empresários veranistas e suas famílias, hoje é freqüentada pelos moradores dos bairros periféricos Curtume e São Francisco, (em proximidade do Parque da Guarita) considerados como bairro dos “pobres”. Em contraste, a Praia dos Molhes é o reduto de lazer dos bem sucedidos financeiramente. Mesmo como moradora recente do município, pude conhecer muitas pessoas de diferentes origens e comunidades e algo notável nas conversas é a distinção do morador *nativo* (natural de Torres) e o *da capital* ou *da serra* ou *veranista que veio morar aqui*. Trago essa descrição, pois muito dos alunos de EJA são naturais de Torres, sendo então relevante, suscitar um questionamento a respeito de certos traços culturais desse grupo. Os moradores considerados bem sucedidos, instruídos, que tem suas mansões a beira mar são em grande maioria favoráveis a todos os investimentos que tragam aquecimento do turismo local.

Os moradores nascidos em Torres, de origem mais modesta, como pescadores, por exemplo, tem um discurso *anti-progresso*, conforme observou um aluno da EJA. Os nativos analfabetos, ou de pouca instrução escolar, estão se posicionando contra os projetos que *mudam a natureza e espantam os peixes da costa*, como justifica um velho pescador que é contra o *Projeto Dubai*. Há uma apropriação do discurso ambientalista. Em sua preocupação com a exploração do mar, na busca de seu sustento, se utilizam de ecologismos, para que sua condição seja mantida como está. Eles querem continuar a se beneficiar dos recursos naturais, pois isto está arraigado ao seu sistema de valores. A apropriação do discurso não é de cunho ideológico, mas apenas atrelado ao interesse de exploração e subsistência.

Tal análise me remeteu à leitura do autor Martinez Alier (2007) que aprofunda um debate sobre ecologia, política e economia, explanando sobre três correntes do ambientalismo. A vertente *ecologismo dos pobres* tem como eixo principal, o interesse material pelo meio ambiente como fonte de subsistência, de extração, não havendo nenhuma preocupação relacionada à situação das demais espécies. Segundo Martinez Alier (2007) “*Sua ética nasce de uma demanda por justiça social contemporânea entre os humanos*” (p. 34). Em se tratando dos alunos da EJA, podemos inferir que suas representações orais sobre *progresso*, em detrimento à valorização ambiental são na verdade uma tentativa de pertencimento a um grupo mais bem sucedido que o dos pescadores, ou dos agricultores. Nessa busca por (re)construção de sua identidade, as concepções do bem estar individual, do sucesso pessoal, profissional ofusca a valorização do meio ambiente – a qual é um traço cultural da escola onde realizamos esta pesquisa. Os alunos utilizam-se do discurso ambiental apenas como um rótulo, quando necessário – na sala de aula, no local de trabalho. Interessante refletirmos que muitos desses alunos podem ter vindo de origem modestas, que lembram a situação dos nativos de Torres. Porém, a idéia de progresso que circula entre os moradores *ricos* é mais promissora, mais apazível. Assim, na (re)construção de sua identidade passam por assumir os discursos circulantes nesse meio, em postura de rejeição ao discurso dos *nativos pobres*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *cultura da escola* (FORQUIN, 1993) amostrada é perpassada pela cultura local de Torres (sendo que grande parte dos estudantes são naturais da localidade) assim como por traços culturais de valorização ambiental – que a instituição tenta transmitir e perpetuar. A disciplina de Biologia se constitui um momento de apropriação de conhecimentos sobre *corpo, saúde*, e uma ocasião onde há a representação oral do discurso *ambiental, ecológico*, mas sem apropriação do sistema de valores que o enseja. Inferimos que o discurso *ecológico* seja mais um rótulo utilizado pela maioria do grupo e que as construções de conhecimentos significativos sejam mais efetivas nas temáticas voltadas para o *pessoal, individual, corporal*, do que para o *coletivo e ambiental*. Tal situação é possivelmente influenciada pelas privações por que passaram – as quais os distinguem como alunos da EJA. Seu instrumento de trabalho é o eu corpo e o sustento vem dele.

Ressaltamos que nossa pretensão neste artigo não foi de apresentar fatores causais que explicariam os dados, mas apenas descrever a tessitura da cultura da escola e seus reflexos na educação em ciências na disciplina de Biologia.

Lembramos que a menção sobre a vertente *ecologismo dos pobres* foi incluída ao artigo, no intuito de refletirmos que é possível adensar ainda mais as discussões aqui iniciadas, já que este recorte analítico faz parte de um estudo de caso que ainda está em andamento. Pretendemos ampliar tal discussão em um próximo artigo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

MARTINÉZ, ALIER, J. **Ecologismo dos pobres**. São Paulo: Contexto. 2007.

CURY, Jamil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. PARECER CNE Nº 11/2000

ERICKSON, F. "**Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza**". In: M. Wittrock. *La investigación de la enseñanza*. Barcelona, Paidós, 1989.

FONSECA, Claudia Lee. "**Quando cada caso não é um caso: Pesquisa etnográfica e educação**". Em: Revista brasileira de educação. Belo Horizonte. N. 10 1999, p. 58-78

FORQUIN, Jean Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

_____. **Sociologia da Educação: dez anos de pesquisa**. Petrópolis, Vozes, 1995.

GERALDO, C. Coelho. **Anais do I Seminário Estadual e do IV Seminário Regional de Reflorestamento e recuperação ambiental**. Ijuí: UNIJUÍ. 90 p.

LUTZENBERGER, J. **Manual de Ecologia: Do jardim ao poder.** Porto Alegre. L&PM, 2006.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1999. Col. Primeiros Passos. Pp. 7-22.